

atrás, nós não tínhamos dinheiro nem pessoal. Você pode ver que as respostas sobre a febre amarela não foram dadas ainda. Então, potencial, pessoal qualificado e uma área interessante para estudo nós temos. Agora, não se estuda sem dinheiro. Em São Paulo, você ainda tem uma situação um pouco mais tranquila com a Fapesp, que tem um financiamento bastante regular, um bom valor que pouco se altera ano a ano. Mas o financiamento do governo federal foi basicamente irrisório nos últimos anos.

**V&A - O senhor deve ter um dia a dia bastante corrido. O que gosta de fazer nos momentos de lazer?**

**Nogueira** - É uma correria. Eu estou na Famerp praticamente o tempo todo. Também viajo muito. Até dezembro eu era presidente da Sociedade Brasileira de Virologia, e continuo trabalhando como consultor da Organização Mundial de Saúde e com a Associação Pan-americana de Saúde. Tenho trabalhos em colaboração em Manaus e Belo Horizonte. Ou seja, são cidades que estou viajando frequentemente. Isso tem, sim, um impacto muito grande na família. Gera uma pressão muito grande na minha esposa e nas minhas filhas. Minha esposa também é professora, e ter que fazer tudo isso gera um calendário difícil para a gente se adequar. Mas a gente tem um pouco de folga. Eu acho que o meu lazer é jogar basquete com meus amigos no Monte Líbano, sentar em um bar com meus amigos ou na Sociedade de Medicina, ou no Monte Líbano também, para poder tentar esquecer um pouco dessa rotina louca.

**V&A - Tem algum sonho que gostaria de ver realizado?**

**Nogueira** - Sonhos são difíceis. Eu gosto das coisas um pouco mais a curto prazo. Eu coloco metas. Talvez o maior sonho é ter conseguido ter uma família, duas filhas lindas, uma esposa maravilhosa. Eu acho que tem que ter metas, a curto e a médio prazo. São metas do Hospital de Base, de profissionalizar cada vez mais o laboratório de sorologia. Metas aqui, na Famerp, de ajudar a profissionalizar de forma mais eficiente a excelência em ciência. A Famerp é uma faculdade excelente no ensino e excelente na assistência, mas ainda deixa um pouco a desejar em pesquisa. Nós temos que investir um pouco nisso, é uma meta ajudar a diretoria nesse caminho. E uma outra meta é ser mais tranquilo (risos), mas isso está mais difícil.

**V&A - Impossível não observar o quadro com a frase "Pergunta idiota, tolerância zero" em sua sala. Isso já funciona como um aviso?**

**Nogueira** - Nós vivemos uma época muito esquisita. Eu acho que alguém já escreveu isso (Umberto Eco) - o problema dessas citações da internet é que você nunca realmente sabe quem escreveu -, que o Facebook deu voz aos idiotas. A mídia social deu voz aos idiotas. É aquela situa-

ção: nós estamos aqui anos e anos trabalhando numa vacina, gastando milhões de dólares, aí eu abro a internet e vejo alguém dizer que vacina faz mal para a saúde. Para isso, tolerância zero. Nós estamos tolerando a ignorância, e nós não podemos tolerar a ignorância. Como professor universitário, médico, cientista e educador, a ignorância não pode ser tolerada. Essa nova geração que se alimenta das redes sociais é uma geração que, até pelos próprios algoritmos ligados ao funcionamento dessas redes, têm uma retroalimentação positiva: ela só escuta o que ela quer e ela não sabe discutir, não sabe tolerar, não concorda com a discordância - não concorda que exista uma discordância. Então, está muito difícil. Eu estou ficando velho e não estou tolerando mais esse tipo de coisa. Isso tem repercussões sociais, repercussões de saúde e até mesmo políticas. Nós tivemos uma eleição que foi decidida no ódio acalentado pela rede social. Agora, voltando à minha área, nós estamos vendo epidemias de sarampo em países desenvolvidos. Recebi uma mensagem via Facebook e quase joguei o telefone na parede de raiva. Uma mãe, num grupo anti-vacina, dizendo o seguinte: "Olha, está tendo uma epidemia de sarampo aqui na minha região, minha filha tem 3 anos e não é vacinada. O que eu posso fazer para protegê-la que seja barato?" O que ela pode fazer? Vacinar. Entendeu?!

**V&A - O Rotary, que levanta a bandeira da vacina da pólio, chamou a atenção para esse aspecto recentemente.**

**Nogueira** - O Rotary tem uma história linda com a vacina de pólio. Nós estivemos muito perto para acabar com a pólio no mundo. Muito mesmo. Recentemente, eu conversei com uma das pessoas responsáveis por isso na Organização Mundial de Saúde. Teve um evento em Genebra discutindo uma série de doenças, e a pólio foi uma delas. Eu perguntei isso para ele. Quase chorou. Porque nós andamos 15 anos para trás, ou talvez até mais, 20 anos. E por quê? Ignorância das pessoas. O conhecimento científico está ali. Nós estamos trabalhando com vacina desde (Edward) Jenner... são 300 anos. Vacina é barato, vacina salva vida. Aí você abre a internet e o "Doutor Google" começa a dizer um monte de bobagens. E todo esse conhecimento adquirido por anos na ciência tem que ser discutido com alguém que "ouviu falar", porque "disseram a ele", porque "viu 400 vezes na internet" - não sabendo que aquilo é uma retroalimentação que os algoritmos das redes sociais te trazem. É uma loucura.

**V&A - E a vacina para a ignorância é a educação.**

**Nogueira** - Isso. A vacina para a ignorância é a educação. Educação básica, educação média e ensino superior. Agora, para isso, precisamos de um País que remunere o professor. Remuneração do professor da educação básica ao ensino superior, que é muito ruim neste País. **V&A**